

---

## D. AQUINO CORRÊA E D. PEDRO CASALDÁLIGA: ENTRE O UNIVERSO TELÚRICO, A FÉ E O PODER

Olga Maria Castrillon-Mendes<sup>1</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 01/02/2014 a 30/03/2014.

**Data de aceite:** 30/04/2014.

**Resumo:**D. Aquino Corrêa (1885-1956) e D. Pedro Casaldáliga (1928) constituem duas figuras emblemáticas no conjunto da produção literária brasileira. Os poetas aproximam-se na construção do sentimento poético-religioso e se afastam na estrutura e no tratamento dos temas. De um lado, o religioso-telúrico; de outro, o religioso-profético e utópico em que a forma e o conteúdo estão ligados a um papel social que ambos exerceram (e exercem) na sociedade. Como objeto desta reflexão, a análise de parte da produção poética de ambos encontra-se num lugar simbólico de conteúdo dialético, possibilitando dizer o momento histórico da criação literária de/em Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira; engajamento; religiosidade.

**Abstract:** D. Aquino Corrêa (1885-1956) and Pedro Casaldáliga (1928) are two emblematic figures in all production Brazilian literature. The poets are approaching the construction of poetic-religious sentiment and away the structure and treatment of them. On one hand, the religious-telluric; the other, the religious and prophetic-utopian in that form and content are linked to a social role that both exercised (and exercise) in society. As the object of this reflection, the analysis of the poetic production of both is a symbolic place of dialectical content, allowing tell the historical moment of literary creation.

**Keywords:** Brazilian Poetry; engagement; religiosity.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professora no Curso de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL e no PROFLETRAS Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. olgmar007@hotmail.com

A obra poética de D. Aquino Correa e D. Pedro Casaldáliga encontram-se e se separam, verticalizando o sentido sócio-religioso de Mato Grosso, Brasil. Em diferentes temporalidades e distintas regiões culturais, os intelectuais da Igreja constituem dois ícones paradigmáticos na literatura brasileira de/em Mato Grosso. O primeiro, homem do clero e intelectual ligado à política da terra, na primeira metade do século XX; o outro, imigrante religioso ligado à teologia da libertação. Pela vasta produção de ambos, que inclui cartas, discursos, sermões, crônicas e poemas, é possível traçar o percurso da literatura e da obra religiosa, tanto na parte tida como o “velho” Mato Grosso, tendo a capital, Cuiabá como o centro político-cultural, quanto da região do Araguaia, conhecida como área de intensos conflitos de terra durante o processo de colonização nas décadas de 1970, que perduram até os dias de hoje com maior ou menor intensidade.

D. Francisco de Aquino Corrêa, nascido em terras cuiabanas foi um religioso de grandes influências culturais e político-religiosas. Sua atuação transformou-o no arauto da terra natal, divulgando-a em todos os quadrantes do país enquanto homem público e, principalmente, através de forte sentimento telúrico. Um “gênio e um santo”, como popularmente ficou conhecido, mas ao mesmo tempo, foi Bispo e Presidente conciliador da Província no momento das convulsões políticas do governo Vargas.

D. Pedro CasaldáligaPlá, espanhol radicado no interior brasileiro conhecido como Amazônia mato-grossense, tornou-se Bispo da Prelazia de S. Félix do Araguaia e defensor da causa dos oprimidos, no momento de alargamento das fronteiras internas pelos grandes latifúndios agropecuários no norte de Mato Grosso, envolvendo a Igreja e a Ditadura Militar. Como um herói quixotesco da contemporaneidade, insere-se no ideal utópico de transformação social, pela fé e pela nobreza, numa junção de valores em que uma causa, mesmo inglória, vale mais que a vida. É assim que continua a

exercer o seu papel de alternância entre o engajamento e o suficiente distanciamento crítico, cuja atitude constituía a base lúcida do filósofo espanhol Ortega Y Gasset, o que explica uma resposta de Casaldáliga ao seu biógrafo FrancescoEscribano:

Às vezes penso que os jornalistas me perguntam mais sobre a minha vida que sobre minhas causas, mais pelos fatos curiosos que pela substância vital. Isso é ficar na superfície, é apenas marketing. Eu sempre digo, parafraseando Ortega Y Gasset, que sou eu e as minhas causa, e as minhas causas valem mais que minha vida. (ESCRIBANO, 2000, p. 146).

Dessa forma, é que o mundo de Casaldáliga é compreendido para que a atuação possa se processar consciente e verticalmente, pois a injustiça encontra-se latente sob cada vida contemporânea, momento em que os conflitos e tensões fazem parte das diferenças e pluralidade das relações humanas.

Nesse protagonismo político-religioso, os dois poetas constroem um projeto político-pastoral. D. Aquino, pela retórica barroca aos moldes de um Vieira, numa junção de poderes considerados extraterrenos: a figura altiva e forte e a imponência de uma figura que petrificava multidões. D. Pedro, pela ação contundente sob o “signo do profetismo” e entre a santidade e a profecia construídas, principalmente, através da preocupação documental e arquivística, como fala Mairon Escorsi Valério<sup>2</sup>. Para o pesquisador, Casaldáliga representa a si mesmo e a seu passado por meio de elementos presentes na esfera de sua cultura religiosa como a ideia do profetismo e a hagiografia que pautam sua conduta.

Duas figuras, portanto, que valem por uma grande parte da história política e religiosa de Mato Grosso.

---

<sup>2</sup>O arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia-MT é, reconhecidamente, o mais completo conjunto documental sobre a história do Araguaia e do Bispo Casaldáliga. Cf. VALÉRIO, (2012, p. 21).

## O campo de produção intelectual dos poetas

Aproximando o cenário histórico da primeira metade do século XX em Mato Grosso, os conflitos advindos da consolidação da República culminaram com o quadriênio conciliador das forças políticas do Estado, a partir da eleição de D. Aquino Corrêa. Encerra-se a chamada Primeira República e os governantes passam a se preocupar com os problemas, tanto da ocupação do que continuava conhecido como espaços vazios, quanto da construção de estradas, da navegação fluvial, da saúde pública e do ensino, imprimindo novas condutas políticas e sociais que deram origem aos conflitos entre latifundiários, indígenas e posseiros no norte do Estado<sup>3</sup>.

Num primeiro momento, D. Aquino representa o pastor que usa o culto da língua, parnasianamente construída, para pregar a paz. A rigidez estrutural que se alia à poesia tem profundo sentimento romântico e de pertencimento à terra. Veja como canta o espaço de significação imagética no poema “Cáceres”, ressaltando sua história, a pujança da terra, a união sagrada e indissolúvel entre o homem e a natureza que demarca a posição de “sentinela” do oeste brasileiro:

Essa que aí vês, à flor da bruta praia/Vila Maria apelidada outrora.  
Foi a primeira que a onda paraguaia/Beijou neste tálamo de Flora  
[...].

Hoje seu nome rememora ao mundo/O grande que a fundou, gênio  
fecundo,  
Novo Hércules de feitos opulentos.

E o amplo rio a cismar a sós consigo/Como um fragmento de  
poema antigo,  
Cáceres! Cáceres! Murmura aos ventos. (*Terra Natal*, p. 53)

A presença mítica, tanto da natureza, quanto do espaço geográfico, demarca a fecundidade da terra, a presença humana, a opulência natural, mesmo que selvagem, e faz coro ao canto telúrico dos conquistadores e da

---

<sup>3</sup> Sobre a política de ocupação dos espaços do norte de Mato Grosso ver GUIMARÃES NETO (2002).

visão que imprimiram, como um clarão de luz civilizadora. Para o poeta, a terra é o húmus do qual se faz o amálgama dos sentimentos e sensações humanos.

Em Casaldáliga, ao contrário, o clamor da terra está no grito abafado do sertanejo cativo, sem voz, colocado como um estranho em seu próprio espaço. Não há esperança, mas caminhos a percorrer em busca de outro chão:

Retirante,  
só caminho  
é que há.  
Terra de roça e morada  
não tem mais.  
os sete palmos de outrora  
nem todos vão encontrar! [...]  
(Caminho que a gente é. In: *Versos adversos*, p. 54).

Nesse desalento em que a terra para cultivo transformou-se em latifúndio, o eu poético clama, veladamente pelo direito à voz e por um derradeiro espaço no chão. Diferentemente do gesto romântico e heróicode D. Aquino, ao referenciar a figura histórica do fundador de cidades, no século XVIII. Em “Luiz d’Albuquerque”, numa dimensão épica faz a reverência camoniana ao gênio fecundo e aos fatos opulentos que deram ao Brasil os contornos geográficos atuais:

Tu que, em rasgos de gênio de heroísmo,/Traçaste as raias deste  
imenso Estado,  
Defendendo com árdego civismo/Dezessete anos, seu torrão  
sagrado. [...]  
Desde o Araguaia à extrema ribanceira,/Onde heráldicos muros  
solitários  
Ergue o Forte do Príncipe da Beira  
Vibra esse nome rútilo, que encerra/Toda a epopéiaaudaz dos  
legendários/Capitães-generais da minha terra!(*Terra Natal*, p.  
113).

O herói, para Casaldáliga, é o homem que labuta na terra e tira dela o seu sustento, cuidando-se para não se deixar manipular, mas ao contrário, construir uma rede indevassável pelo coletivo popular, única forma para não se sujeitar às manipulações do poder:

Fazer do povo submisso  
um povo impaciente.  
Fundir os muitos córregos  
numa torrente. (*Cantigas menores*, p. 60)

Ao cantar a terra natal, D. Aquino une o discurso laudatório do idílio amoroso com a terra-berço. A “cidade verde” traz a forma de discursos e pastorais ao estilo barroco de Vieira. O *verde* faz o jogo entre os versos e “pinta” a paisagem, criando quadros simbólicos que se imprimem no imaginário:

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,/tão verdes, sobranceiras/E lindas como alhures não as há,/sobre alcatifas da mais verde relva,/Em meio à verde selva,/Eis a “cidade verde”... Cuiabá! [...]. (*Terra Natal*, p. 48-50).

Como homem desenraizado, a terra natal em Casaldáliga é o mundo, é o Araguaia que adotou como símbolo da própria vida:

Nossas vidas são os rios.  
Minha vida é este Araguaia!  
Indescritível,  
indecifrável.  
Que se ama e se agradece, e se teme e se deseja;  
ao qual se volta sempre,  
como a um lar, fatídico e feliz. [...]  
(*Versos adversos*, p. 20).

O poeta fala do espaço como emblema universal. O sentido de terra se amplia para o macrocosmo, sem descrição possível, mas necessária à marca das identidades que se formam a partir da pluralidade dos povos. Por isso, a cultura popular tem raízes flutuantes. É de todos.

Para D. Aquino, essa mesma cultura se enraíza, reduz-se à tradição, como na alusão à lenda, no poema “Alavanca de ouro”, em que dialoga com a história primitiva do “Cumbaru de ouro”, como necessidade do retorno às raízes da terra.

Dizem que outrora, numa lavra funda,/Viu-se aqui, toda de ouro,  
uma alavanca:

Todos querem, mas ninguém a arranca, /E mais se cava, tanto mais se afunda.

Contudo, cavam sempre ... E a ganga imunda,/Que nessa escavação se desbarranca,  
Vai dando ouro, muito ouro, e não se estanca/Té que o arraial feliz, de ouro se inunda.

Quanta sabedoria não encerra/Esta lenda gentil da minha terra  
Que ao trabalho e à constância nos convida!

Trabalha! Que o trabalho é o tesouro/E será ele essa “alavanca de ouro”  
Que há de elevar-te e enriquecer-te a vida! (*Terra Natal*, p. 133)

Em Casaldáliga, o mito demarca a tênue relação entre o homem e a terra. O poema está, pois, nas ruínas do que (ainda) sobrevive pelo tom expressamente combativo:

O velho Uataú  
abre, com nobre gesto de cartógrafo,  
sua esteira de palha:  
os dedos do seu povo caminharam por ela,  
do mato para a aldeia urbanizada,  
da aldeia urbanizada para o fatal turismo,  
para a morte matada oficialmente.  
(*Versos adversos*, p. 27).

Através do discurso de denúncia, o eu poético procura incorporar o caráter religioso ao social: o turismo que abre as portas do mundo para a fatalidade da exploração. O poema manifesta-se, não só como imagem, mas como instrumento, cujo poder está na palavra.

Nas marcas do romantismo selvagem a influência indigenista de Gonçalves Dias é expressa por uma espécie de paródia. A “Canção do Paiaguá”, de D. Aquino, carrega a musicalidade das quintilhas intercaladas pelos versos de quatro sílabas, que aludem ao batuque que, mais que um grito de guerra, é a consciente expressão “sem mágoa” de um povo outrora expoliado:

Nasci à beira / Da água ligeira / Sou Paiaguá!

De sul a norte, / Tribo mais forte / Que nós não há.

Nas mansas águas / vive sem mágoas / O Paiaguá;  
O seu recreio / O seu enleio / No rio está.

Nele me afundo, / Nado no fundo, / Surjo acolá;  
E nem há peixe / Que atrás me deixe / Sou Paiaguá.  
(*Terra Natal*, p. 105).

No “Recado a Gonçalves Dias”, de Casaldáliga, o poeta clama por uma atitude perante o mundo, pois está mais perto da sua função social do que do subjetivismo romântico:

Foi-se tanto maranhense  
Para os campos de Goiás  
- na ambição de plantar roça,  
Na ilusão de colher paz -,  
que as palmeiras que cantavam  
não têm mais o que cantar.  
(*Versos adversos*, p. 77)

O canto da sereia que chama o aventureiro já não lhe dá mais a ilusão de um futuro promissor. Não há mais terra para cantar, tampouco histórias para contar, consciente da perda da ilusão.

Nesse sentido, a articulação das idéias aqui reunidas, mais que relevar a historicidade (nem sempre demarcadora) da produção artística brasileira, quer trazer indícios da *práxis* do intelectual. É, portanto, uma tentativa de compreender as dinâmicas sociais que Pierre Bourdieu denomina de “poder simbólico” (1996 e 2010), aliando o conceito de poder simbólico ao de campo literário e o conseqüente *lócus* de enunciação do intelectual *de margem*. Preocupações embrionárias que subjazem a estas reflexões.

Vistos desta forma, os poetas se aproximam na *poiética* e se afastam no tratamento dos temas. De um lado, o hermetismo da composição e os modelos de estilo requintado e altivo de D. Aquino Correa. Acima de tudo, um clássico tocado pela sensibilidade romântica, pelo sentimento de natureza, pela religiosidade, pela crença nos valores humanos e forte sentimento de



pertencimento, fontes da sua inspiração. De outro, a leveza do ritmo e a aspereza do tema, o profetismo e, talvez, a utopia/distopia, ressignificando o papel social dos homens e das mulheres do Araguaia, contidos no projeto social que Socorro Araújo (2013) denomina de “pedagogização da fé” baseada nas formas como se produz a crença e a figura do intelectual engajado representado pelas ações político-religiosas de Pedro Casaldáliga.

Quando se toma o discurso profético como objeto de reflexão, o que se tem é o discurso da fé pensado na perspectiva da representação. É condição fugidia que está entre a revelação divina e a experiência de vida, constituindo a possibilidade do dizer no momento histórico. O profético encontra-se no lugar simbólico do conteúdo messiânico. Nesse sentido, tanto a linguagem, como a dialética humana acercam-se das condições de produção capazes de dar sentido às manifestações (e revelações) pelas vias do poético.

Sem perder de vista a idéia norteadora, que pressupõe a existência de uma produção literária ligada ao conjunto das manifestações nacionais, pensar as obras dos escritores de margem fez emergir elementos da diversidade regional, os aspectos literários e extra-literários, colocando-os em sintonia (ou confronto) com o tempo e a história. Não é, portanto, pensar um discurso hegemônico sobre o mesmo, mas o diferente e em relação ao outro, a outras comunidades. E nada mais original do que pensar esse Brasil, que se queria independente das influências externas, a partir de uma vivência amalgamada no espaço interior da imensa geografia mato-grossense, cuja história é exemplar importante para se pensar o movimento das conquistas, formador de povoamento, vilas e fortificações que se presentificam, contemporaneamente, no processo de ocupação/exploração dos espaços, no norte do Estado.

### **Alguns pontos finais**

Se há um sentido no percurso entre os dois momentos de significação de um discurso ético e profético, a relação com o sagrado encontra-se

representada na e pela linguagem dos poetas. A passagem, portanto, só se torna possível porque o sagrado se reveste de especificidades locais historicamente datadas, tornando-se mediador da prática política e social.

A forma como cada poeta lida com os conflitos e com as experiências humanas (e vontade divina) implica num certo comprometimento, tanto com o povo, quanto com o bíblico. Este acordo remete-se à voz do profeta e estabelece a relação com o divino, com a história, cabendo ao profeta o sacrifício das suas escolhas.

Sob a realização da palavra esconde-se o significado de conteúdo moral e doutrinal, cujos aspectos políticos são articulados com o campo de produção intelectual. A experiência (de fé) vivenciada por D. Aquino Corrêa significou ampliar o discurso da conciliação, da unidade do povo mato-grossense em torno dos interesses do seu próprio governo de coalisão.

D. Pedro Casaldáliga aceita a missão a que estava destinado desempenhar nos confins do Araguaia, numa condição em que o meio era o primeiro a ser domado para não ser sucumbido por ele. Entre a dimensão divina e a temporal abre-se espaço para o discurso profético pautado na dimensão da busca da liberdade do povo.

Na medida em que os acontecimentos são interpretados à luz da fé religiosa, o texto escrito adquire seu poder simbólico o que equivale a inserir o papel exercido pelo intelectual que, ao passar pela experiência da fé, não apenas acentua o seu caráter doutrinário, mas transfigura o *lócus* de produção.

Talvez possamos relevar o sentido religioso construído pelos poetas a partir do ponto em que multiplica a fonte textual, operando uma reelaboração constante das concretas condições de existência humana.

## Referências

- ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. **Territórios amazônicos e o Araguaia mato-grossense**: configurações de modernidade, políticas de ocupação e civilidade para os sertões. Tese de doutorado. IFCH/UNICAMP, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 13 ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2010.
- CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos adversos**: antologia. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.
- CORRÊA, Aquino (D.). **Obras**. Poética:Terra Natal. Vol. 1. Organização Corsíndio Monteiro da Silva. Comemorativa do centenário de nascimento do autor. Brasília, 1985.
- ESCRIBANO, Francesco. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**: política de colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2002.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTOS, Edson Flávio. **Cercas malditas**: poesia, utopia e revolução em D. Pedro Casaldáliga. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. PPGEL/UNEMAT, 2011.
- VALÉRIO, Mairon Escorsi. **Entre a cruz e a foice**: D. Pedro Casaldáliga e a significação religiosa. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2012.